

COLLECÇÃO ANTONIO MARIA PEREIRA

HENRIQUE DAS NEVES

Esboços individuais

2.^a série das — INDIVIDUALIDADES, 1.^o vol. —

Traços característicos, episodios e anedotas authenticas
de individuos que se evidenciaram



INV6311

1911

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA

LIVRARIA EDITORA

Rua Augusta, 44 a 54

LISBOA

Guerra Junqueiro

Que titulo augusto, que nome ideal para um vivente
—o Cantador!

O homem que canta! Este verbo cantar é sagrado, como o verbo florir ou o verbo resplandecer. A luz, a flor e o canto são modalidades musicas da natureza. O canto abrange-as todas; é a mais ampla. Os rythmos silentes do universo traduzem-se pelo som nos rythmos do canto. Cantar é divinizar o som. A vida inteira é harmonia inteira. Quer os globulos do sangue, quer os globulos astraes movem-se por musica. Um sol é um organ e a luz uma simfonia esplendorosa. O prisma decompõe-n'a, a optica descreve-a, mas definil-a só o canto. O canto, mathematica viva, eis o revelador da natureza, a lingua suprema do universo.

O cantador! Que nome ideal para um destino! Ser o cantador, ser a voz da agua e do vento, da rocha e da floresta, dos homens e dos monstros, dos infusorios e dos soes, das nebulosas e dos atomos! Cantar o riso, o beijo, o olhar, a dôr, a lagrima! Cantar o sangue impetuoso, as seivas genesicas, os fluidos radiantes, as marés vitaes, as electricidades criadoras! Cantar as formas e as essencias, --numeros que dizem ideias, linhas que

desenham espiritos. Cantar a marcha heroica e funebre do lôdo para o verme, do verme para o tigre, do tigre para o homem, do homem para o anjo, dos anjos para Deus! Cantar o Golgotha do Ser, a Paixão do Viver, a cruz eterna e formidável que a natureza leva aos hombros! Cantar, emfim, o Christo-Universo, gerado na dor e resgatado pelo amor. E o Christo Universo contal-o ao universo inteiro, desde a cinza da urze, ao pó dos astros infinitos!

Ser o cantor! não ter outro nome; nem mãe, nem irmãos, nem pae, nem patria, nem albergue. Quem és? O Cantador. Quem te criou? A vida immortal. Onde nasceste, onde moras? Na vida immortal. Que fazes? Sou o cantor, canto a vida immortal. E o ultimo suspiro mandal-o á vida immortal no seu ultimo cantico!

*

Ah! como eu te invejo, meu pobre e humilde cantor de Setubal. Tu foste, na tua ignorancia, a alma lyrica e luminosa dos desherdados e dos simples. Foste o echo risonho das suas alegrias, a voz amorosa e meiga dos seus desalentos e pesares. Canto de cuco, sempre o mesmo canto, singelo e monotono? Embora. A raiz chupa ao lodo a flor que nasce na vergontea. Tu, do lodo da vida extrahiste a canção, que é a flor em musica. Mas a flor vem de anno a anno, e tu andas florido, que primavera! ha mais de meio seculo. E's o cantor! E's o cantor! Por mais de meio seculo ao rythmo do teu macete martelando no escopro, aparelhaste barcos e canções: barcos levando esperanças e miserias, canções le-

vando lagrimas e risos. E o que são barcos senão harmonias fluctuantes? Uns em aguas cristalinas deslisam como idyllios, outros, como epopeias, sulcam voragens e tormentas. Sob o esplendor d'ocazos outomnaes recordome de ver em bahias ermas, galeras melancholicas, e concha sinuosa, os mastros nús e fugitivos, aereamente destacando, á luz ideal, as cordas leves e purissimas. Não são navios, dizia eu, são harpas boiando, harpas gigantes que fluctuam. Harpas de sonho, para dedos de sombra e misereres de luar. . .

*

Mas agora dou fé que, sem o querer, estou cantando e não percebes o meu canto. Fallar-te-hei com simplicidade para que me entendas.

Não sabendo lêr nem escrever, és um grande poeta, meu ignorante e ignorado cantor de Setubal. Os grandes poetas são os grandes homens, e a grandesa humana, aos olhos de Deus, mede-se pela virtude, pela innocencia, pelo juiso verdadeiro da nossa alma, pela ternura infantil do nosso coração. Ora a tua bondade, meu velho, exhala-se das tuas cantigas sem arte, como um aroma delicioso d'um matagal inculto, que nasceu entrepedras.

O vicio não te manchou, o crime não te deshonrou. Ganhaste com o suor da fronte o pão de cada dia, com a alma em Deus abriste o olhar a todas as manhãs, é todas as noites, tranquillo, na misericordia de Deus adormeceste. Arrancaram-te lagrimas piedosas os tormentos do mundo, — guerras, fomes, flagellos, desastres,

miserias, iniquidades. Amaldiçoaste a soberba, cuspieste ño dolo e na tirania.

Bondade ingenua, pobresa santa, alegría clara, eis o resumo simples da tua vida. Bem poucos mortaes á hora extrema poderão dizer o que tu dizes:

Nunca fui mal procedido,
Nunca fiz mal a ninguém,
Se acaso fiz algum bem,
Não estou d'isso arrependido.
Se mau pago tenho tido,
São defeitos pessoases;
Todos seremos eguaes
No reino da eternidade;
Na balança da egualdade
Deus sabe quem pesa mais.

Sim. Na balança invisível do amor e da egualdade acaso pesarão mais as tuas cantigas de analfabeto, que muitos poemas illustres, já consagrados pela historia.

Maior do que eu és tu, sem duvida. Maior porque és melhor. Tu foste bom continuamente, e eu, querendo sel-o muitas vezes, poucas o fui na realidade. Venero-te. Venero em ti a belleza unica.—a belleza moral.

Cantador humilde, cantador velhinho, em paga do meu affecto, manda-me de longe a tua bençam.

NOTA. — (*Prefacio de Guerra Junqueiro, ao livro «Versos do Cantador de Setubal» 1901.*)

Desceu da cadeira o poeta apostolo d'uma nova religião.

Pediram-lhe para falar d'um cantador, homem de tra-

balho, simples, inculto, honesto, e elle tomando este assumpto da vida, dissertou lá do alto, d'onde se veem sómente syntheses.

O espirito constitucionalmente ascendente de Guerra Junqueiro, levou-o a entrar pela fase religiosa. Muito vagamente tinhamos ouvido indicar esta evolução do poeta; foi porem então—1901—que, conversando ambos a sós, se nos patenteou claramente a sua mentalidade moderna.

A filosofia da vida em Junqueiro, alcançou o apogeu; é—Religião. Quer-no que nos ficou dizendo apoz a leitura do que escrevera sobre o cantador, quer no que nos leu e ficou dizendo d'um artigo seu para uma *Revista* de Columbano, quem evidentemente tinhamos diante de nós era um missionario em permanente missão. Está n'ella em corpo e alma: em corpo, sim, pois que a escolha da sua alimentação obedece tambem á sua doutrina. Elle não vê, nem ouve, nem aspira outra coisa. Dado qualquer problema da vida, toma essa parcella, conjuga-a, correlaciona-a no Todo, e do que era uma nota melódica singular e isolada desdobra-nos elle uma sinfonia harmonica universal. E esta desenvolução é feita com a serenidade e segurança d'um crênte intemerato.

Taes são hoje as praticas do conhecido poeta. Os dois artigos citados que deixou em Lisboa são trechos de predica que nos entremostam a sua orientação.

Elle crê ter chegado á comprehensão da Vida, que é una em todos os seus fenomenos; e crê estar na Verdade, que é o Bem, o Amor, a Justiça, a Harmonia em tudo, desde o infinitamente pequeno até Deus.

Esta doutrina penetrou-o até ao amago. Impregnou-o. Acha-se n'ella tranquillo e forte como n'um reducto inexpugnável. E como crê ter atingido a Verdade, natural é querer ensinar aos outros homens esse caminho de paz. Era quasi um dever.

Em breve pois elle vai começar, larga e abertamente, a semear nas almas a sua doutrinação, que será como um orvalho do céu. Os seus livros por vir, serão os novos evangelhos.

Veremos, ou antes, verá o futuro, longinquo e vasto futuro, até onde entre as gentes, esta nova tentativa d'alliança do naturalismo hellenico com o espiritalismo christão, fará proselitos e concorrerá a trazer os sêres a uma confraternisação mais intima e sincera, mais ampla e comprehendida, dando-lhes simultaneamente um Ideal.

Se a colheita for minguada não será por carencia de entendimento, antes por deficiencia no temperamento, no modo de ser proprio do animal humano, o d'hontem, o d'hoje, o de todo o sempre. A santidade altruista é uma excepção, que se esvae, que se dissolve, quasi que se annulla no oceano do egoismo commum; o seu aparecimento corresponde a uma anormalidade. Junqueiro reconheceu-o em si e confessa: «Eu querendo ser bom muitas vezes, poucas o fui na realidade.» Assim é, mesmo entre os mais cultos; mas, raros se incommodam... por tão pouco.

Ora, isto seria desanimador para os apóstolos, se a historia não nos demonstrasse, que o homem social conquanto seja, como qualquer outro sêr, o producto fatal do seu organismo, esse sêr é modificavel para melhor

em algumas das suas relações, pela acção da educação que lhe imprime a familia e a sociedade (não falando na influencia geografica e outras que não vem ao caso).

Semeai pois a semente do Bem; semeai sempre.

Aparece-nos o novo sementeiro n'uma hora historica d'indisciplina moral, propria da transição entre civilizações de caracteres e indoles diversas. Elle vem encontrar, talvez, o terreno das almas bastante sáfaro. Derruido e devastado, em grande parte, o poderoso arvoredado das crenças religiosas que por tantos seculos lhe deu sombra, esse terreno está já semeado, mas ainda escassamente semeado, para uma vigorosa floresta de convicções filosofico-cientificas. Se não é uma oportunidade, seja essa circumstancia d'incentivo ao trabalho para o conseguimento da eterna aspiração-humana: — Conhecer a Vida, para dentro d'ella nos estabelecermos em equilibrio e conformidade com ella.

— *Faz o teu dever, venha o que puder ser* — E' este um conceito francez (*Fait ce que doit...*) que nós queríamos fosse um mandamento de toda a gente.

*

Guerra Junqueiro, pôde dizer-se que iniciou o seu apostolado com um acto antes das palavras. E' bom, justo e preciso que isto se saiba, porque dos actos é que os ouvintes hão-de tirar a confiança no apóstolo. Se a acção não correspondesse á doutrinação, que nos importaria mais um Fr. Thomaz? O egoismo dos sacerdotes, que pela sua fatalidade organica não vieram ao mundo

melhores do que o geral dos homens, foi que preverteu a pureza, a candura, o encanto do christianismo.

Junqueiro veio expressamente da Barca d'Alva a Lisboa, accusar na estação official superior, determinados agentes fiscaes, pelas prepotencias e extorções cometidas em dois camponeses da sua aldeia.

De Alexandre Herculano são conhecidos rasgos semelhantes, escrevendo a ministros seus amigos (Casal, Serpa, etc.) e vindo a Lisboa peregrinar pelas secretarias publicas, em prol de visinhos humildes, victimas d'abusos e iniquidades officiais, e sem valimento algum nas repartições do Estado. Por isso os aldeões da Azoia, quando souberam da morte do seu amigo, arrancavam ramos das oliveiras de Val de-Lobos, para os guardarem em memoria do homem — justo.

Se Guerra Junqueiro encontrar no seu temperamento de transmontano qualidades d'acção para, armado com a authority do exemplo e o poder do seu cerebro, entrar na pratica da luta pelo Bem (e basta que seja nos casos que se lhe depararem no seu caminho) será um apostolo; se não ficará um grande poeta contemplativo.

*

Encerrámos o livro com a nota ácerca da vida do seu auctor, ao tempo que a apresentação d'elle pelo grande poeta (proposta por nós a elle proprio, nosso antigo amigo) era ainda duvidosa; é esta a rasão que explica o não figurar o nosso reconhecimento para com elle apar do que lá vai registado aos generosos edictores.

Aqui fica o nosso agradecimento, pelo auctor e por nós.

Guerra Junqueiro, afirmou a amplitude do seu coração, a alteza do seu criterio, estendendo a mão ao singelo cantor, humilde verme da sociedade, e encarregando-se elle proprio de o sagrar poeta para ser recebido na legião dos eleitos do sentimento, dos torturados da imaginação, dos sequiosos de justiça, dos inspirados, dos nevroticos, dos allucinados, dos sonhadores, dos videntes, dos illuminados, dos visionarios, dos doidos.

Junqueiro, contente como quem pratica uma acção justa e boa, correspondia assim ao sentimento desinteressado d'um amigo. Mas vendo tambem com os seus olhos d'hoje, no poeta calafate, individualisada a «bellesa moral», impulsivamente foi mais álem, e por seu turno curvando-se perante o venerando velho, pede-lhe a sua bençãam.

Nunca Guerra Junqueiro foi tão grande!

Entra pois abertamente na larga publicidade o octogenario cantor, na companhia do que foi entre nós o mais punjante e galhardo poeta dos ultimos annos. Este «passo da sua vida», não será de certo dos menos tocantes que o destino lhe tinha reservado á velhice.

Dos dois o mais novo, embainhada a antiga espada de combate, vem como quem traz os olhos postos mais no Alto do que na Terra.

.....
E lá continua assim o seu caminho.